

O/A PROFESSOR/A E AS RELAÇÕES ÉTNICOS RACIAIS TENSÕES NA RELAÇÃO PROFESSOR/A E ALUNO/A

Thais Martins de Sousa

Graduanda em Pedagogia,
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Daiane Pinheiro dos Santos

Graduanda em Pedagogia,
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Fernando Guimarães Oliveira da Silva

Doutor em Educação – UEM;
Professor da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS/Jardim)

RESUMO

Este texto problematiza duas situações. Por um lado, o preconceito entre professor/a e aluno/a, enfatizando as tensões vividas em sala, e por outro o despreparo dos/das professores/as, para concretizar os pressupostos da lei 10.639/03 para adoção de práticas de ensino e metodologias com enfoque nas relações étnico-raciais. O objetivo então, é mostrar que independentemente de suas crenças, ele precisa tornar sua prática direcionada ao público. Buscaremos também contribuir para solucionar os problemas, apontando possibilidades, mas não, receitas. Para isso, a utilização de metodologias ativas da aprendizagem, necessita ser levadas em prática; o preconceito racial e étnico pode ser trabalhado de forma simples e sucinta, desde que o/a professor/a se sinta preocupado com situações assimétricas que acontecem com essas pessoas.

PALAVRAS-CHAVES: preconceito; dificuldades; preparo profissional.

1 INTRODUÇÃO

No artigo a seguir falaremos sobre a relação professor/aluno, e o preconceito étnico e racial em sala de aula. Sabemos que quando interagimos com os/as alunos/as, há muitos desafios à serem superados, mas será que realmente são superados? A relação professor-aluno deve seguir uma equidade quando falamos de relações étnico-raciais, ou seja, o/a professor/a como autoridade em sala de aula tem como dever não estimular o preconceito. A partir dessas reflexões, orientamos nosso estudo com enfoque da Lei 10.639/2003 que adverte a importância do assunto das relações étnico-raciais no âmbito dos diferentes níveis de escolaridade. Por assim dizer, a Lei considera um assunto.

A discriminação racial opera, na nossa sociedade, como um processo que acarreta inúmeras desvantagens para o grupo negro e para toda a sociedade brasileira, direta ou indiretamente. Compreende-se que o

reconhecimento positivo das diferenças etnias, deve ser proporcionado desde os primeiros anos de vida. Para tornar a pré-escola um espaço positivo ao entendimento das diferentes etnias, é necessário observarmos o processo de socialização atualmente desenvolvido no espaço escolar, que conforme demonstrado por diversos estudos e pesquisas parece ignorar essa questão. Contudo, a educação infantil não pode esquivar-se do dever de preparar o indivíduo para a existência das diferenças étnicas, já que ela, inevitavelmente, permeará a sua relação com os demais cidadãos (CAVALLEIRO, 2006 p. 26).

Buscamos desenvolver em nossas crianças noções éticas, mas será que as mesmas, têm noção do que é respeitar? Quando falamos em respeito, falamos de limites, por mais que não gostamos de algo, não devemos julgar ou fazer diferenciações, o mesmo exemplo deve ser seguido em sala, pois é dentro dela que em alguns momentos, o preconceito se revela de forma velada ou visível.

Será que o/a professor/a sabe se portar com as diferenças, tendo em vista, que raça e origens não diferem conhecimentos nem mesmo rendimento? O que traz problemas é a diferença social e não racial, não podemos colocar nossas “crenças” de forma coercitiva.

É perceptível a falta de professores/as que utilizam da ética, e que não fazem diferenciação de pessoas, e que quando surge alguma situação controversa buscam meios de solucionar o problema sem que o evidencie. A seguir buscaremos aprender, entender e instruir nossos alunos a conviver com as diferenças, sem prejudicar, agredir e atrapalhar as boas relações dentro da sala de aula, ensinar e aprender a se relacionar socialmente com todos independente das diferenças, seja ele/ela aluno/a ou professor/a.

Para isso, nossos recursos de análise se portarão, como possibilidades iniciais da pesquisa de iniciação científica, a partir da pesquisa bibliográfica com a utilização da revisão de sistemática de literatura para integrar diferentes discussões sobre a importância das relações étnico-raciais para melhor qualificar a ação docente desprovida de preconceitos.

2 OBJETIVOS

Esta pesquisa visa auxiliar os profissionais a lidarem com a iniciação à docência, mostrando as dificuldades e barreiras a serem enfrentadas no início da carreira.

3 MATERIAL E MÉTODOS

O presente artigo se insere em uma abordagem qualitativa de pesquisa. Utilizamos como instrumentos de coleta de dados o levantamento bibliográfico que nos permite ter um vasto olhar e aprofundamento sobre pesquisas já elaboradas sobre a temática em questão.

4 CONTRADIÇÕES ÉTICAS

Embora alguns/as estudiosos/as se recusem a aceitar que o ‘problema do preconceito racial’ seja o problema central, nos estudos de relações raciais, e ainda que se admita que o preconceito, seja qual for a importância que é dado, como problema de estudo, deva ser focalizado no contexto da “situação racial” em que se manifesta, o fato é que a preocupação com o mesmo está pelo menos implícita em toda a pesquisa que se faz nesse setor.

Se é verdade que políticas de promoção da igualdade racial podem diminuir as taxas de desigualdades entre negros e brancos, atacando a discriminação, não podemos esquecer que é preciso atacar com a mesma intensidade a raiz do problema, isto é, o racismo e o preconceito. Neste campo, não será demais lembrar que apenas a educação pode mudar valores, contribuindo para a valorização da diversidade e a construção de um senso de respeito recíproco entre os grupos que conformam esta rica geografia de identidades culturais denominadas Brasil (SILVA JR, 2002, p. 10).

O preconceito velado se faz presente ao entrar em diversos setores, mas, quando vem de alguém que deveria ser mediador/a de soluções, torna-se frustrante, usando um exemplo básico, quando o/a professor/a aplica atividade para colorir a família no papel, sabendo que em sala a diversidade étnica se faz presente, a mesma é questionada por uma criança de pele negra, que pergunta de qual cor deve colorir a pele do papai e da mamãe? (que também são negros), ao responder ele diz que a cor que se usar deve ser a cor salmão, gerando um conflito de identidade no cognitivo da criança, quando a resposta correta deveria ser, a que tom de pele você se refere? Pois a criança está em fase de conhecimento e aprendizado, nem um ser nasce com preconceito, o mesmo, é imposto a ele/ela; nossas crenças e saberes não deve ser passada á eles como se fosse o único caminho á seguir, afinal o ensino deve abranger á todos independente de raça ou

cor.

Daí a necessidade de reverter o quadro segregador do negro e reconstruir seu espaço, visando derrubar o que era tido como negativo, impuro, inculto e desvalorizado. A literatura então que buscamos deve se nutrir de idéias de desconstrução de verdades, que negam o negro substituindo-as por outras e exaltar-lhe a condição humana (PESSANHA, 2003, p. 162).

Segundo Emília Alquezar, chefe da Divisão de Área de Gestão Pedagógica da Secretaria da Educação, responsável pela articulação do programa Educação Étnico-Racial, Sorocaba – SP, explica que a ideia é levar informações aos profissionais da área sobre a contribuição do povo negro para a formação da sociedade brasileira, mostrar sua história de luta contra a escravidão e a beleza de sua cultura e crenças. "Quando você conhece as danças, a culinária, o ritual para se alimentar, as roupas, os colares, os instrumentos musicais, as práticas de artesanato, a arrumação dos cabelos, com aqueles turbantes, a religião e os contos africanos, você fica encantado por toda essa cultura", diz, confessando que quando teve a oportunidade de conhecer mais de perto ficou entusiasmada com tanta riqueza e peculiaridade do povo africano.

É preciso que os adultos voltem o questionamento para seu próprio comportamento (porque são modelos constantemente na "mira" das crianças e adolescentes) e analisem quais são as suas atitudes, no dia-a-dia, frente aos preconceitos, exclusões e parcerias. (BIASOLI-ALVES, 2001, p. 89).

Dessa forma poderemos trabalhar para que não haja diferença e preconceito da parte do/da professor/a. A criança na maioria das vezes tem o/a professor/a como figura principal, e quando essa figura trata essa criança de forma diferenciada, por 'receios', a mesma sente e acaba por ficar introspectiva e sua improdutividade acaba aparecendo; os/as outros/as alunos/as que testemunham tais atitudes de diferenciação, acabam sendo muitas vezes estimulados por elas, não respeitando os colegas, desenvolvendo o preconceito, dificultando a interação entre eles.

De que serve, contra a resistência indolente da ignorância, inveterada e satisfeita na cegueira inconsciente, proverdes a que a escola seja acessível a todos, se não adstringirdes todos à necessidade irresistível de aproveitarem as vantagens dessa acessibilidade? (BARBOSA, 1957, p. 35).

É dever do/a professor/a, orientar as crianças para o futuro, para isso elas necessitam de uma consciência individual, para que consigam projetar seus

conhecimentos em sociedade. Deste modo destacamos a importância que o profissional tem e quão valorosa sua função para a sociedade.

A prevenção de práticas discriminatórias, penso, requer um trabalho sistemático de reconhecimento precoce da diversidade étnica e dos possíveis problemas que o preconceito e a discriminação acarretam, em solo brasileiro, desde a educação infantil - familiar e escolar. Tal prática pode agir preventivamente no sentido de evitar que pensamentos preconceituosos e práticas discriminatórias sejam interiorizados e cristalizados pelas crianças, num período em que elas se encontram muito sensíveis às influências externas, cujas marcas podem determinar sérias conseqüências para a vida adulta (CAVALLEIRO, 2006, p. 38).

Quando falamos de preconceitos raciais, não mencionamos somente o tom de pele, mas também, seu cabelo, sua crença, e seu valor cultural. Cada um traz consigo valores e vivências, não cabe a ninguém “desaculturar” qualquer cidadão, o que se deve fazer é agregar valores e conhecimentos.

Há vários meios para trabalhar a cultura negra, através de contos, brincadeiras, rodas de conversa e etc..., mas isso só é possível quando a escola faz um trabalho com toda a equipe, explorando a interdisciplinaridade.

A diversidade de classe, sexo, idade, raça, cultura, crenças, etc., presentes na vida da escola e pensar (e repensar) o currículo e os conteúdos escolares a partir dessa realidade tão diversa. A construção de práticas democráticas e não preconceituosas implica o reconhecimento do direito à diferença, e inclui as diferenças raciais (GOMES, 2001, p.87).

Portanto, devemos unir essas experiências ao cotidiano escolar. Torná-las reconhecidas por todos os profissionais envolvidos com o processo de educação no Brasil, em especial professores/as e alunos(as), ou seja, trabalhar para que as escolas se tornem um espaço público onde haja igualdade social e racial de tratamento e oportunidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, destacamos o preconceito racial em sala de aula, as dificuldades existentes para se trabalhar, de forma que não estimulemos o preconceito.

Vemos o papel do professor preparado e despreparado em tal assunto; e

através das pesquisas, vimos que através do ensino de História e cultura Afro-Brasileira, podemos mostrar que todos somos importantes independente de raça, cor ou crença; e que não podemos nos deixar levar pelas diferenças.

Para tal desenvolvimento o professor deve buscar conhecimentos e manter-se atualizado para que contribua da melhor forma possível para o fim do preconceito racial.

REFERÊNCIAS

ALQUEZAR, E. Chefe da divisão de área de gestão pedagógica da secretaria da educação, responsável pela articulação do programa educação étnico-racial; jornal Cruzeiro do Sul - Sorocaba e Região 21/11/2012.

BARBOSA, R. Trechos escolhidos. Rio de Janeiro: Ed. Ouro, 1957.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. Crianças e adolescentes: a questão da tolerância na socialização das gerações mais novas. In: BIASOLI-ALVES, Z. M. M. [s.n.], 2001.

CAVALLEIRO, E. Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001.

GOMES, N. L. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLEIRO, E. (org). Racismo e anti-racismo na educação. Scielo. São Paulo 2011.

PESSANHA, M. M. de J. O negro na confluência da educação e da literatura. In: OLIVEIRA, Iolanda de. Relações Raciais e Educação: novos desafios. Coleção política da cor. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SILVA JR, H. Discriminação racial nas escolas: entre a lei e as práticas sociais. Brasília: UNESCO, 2002.